O Papa Leão XIV chega ao “quintal” da Casa Branca

El papa León XIV llega al “patio trasero” de la Casa Blanca

Pope Leo XIV Steps into the White House’s “Backyard”

Sebastián Tobar e Samia De Brito

Resumo. O Papa Leão XIV aumenta o tom ao avanço da campanha militarista do governo de Donald Trump e sinaliza viagem à região latino-americana. A guerra no Oriente Médio já empurra a América Latina para uma zona de tensão entre a escassez e a oportunidade de aumento das exportações. Apresentamos também as propostas dos candidatos, três representantes da América Latina, a Secretário-Geral das Nações Unidas. No seguimento das organizações regionais, destacamos que o ORAS-Conhu (ORAS-Conhu) discutiu temas como segurança social e formação de médico, a Secretaria Executiva do Conselho de Ministros de Saúde da América Central (COMISCA) participou de reuniões avaliativas de vigilância em saúde e a OTCA se reuniu para discutir o Mecanismo Amazônico dos Povos Indígenas.

Palavras-chave: América Latina; Cooperação Internacional; Saúde.

Resumen. *El papa León XIV endurece su tono ante el avance de la campaña militarista del Gobierno de Donald Trump y anuncia un viaje a la región latinoamericana. La guerra en Oriente Medio ya está empujando a América Latina hacia una zona de tensión entre la escasez y la oportunidad de aumentar las exportaciones. Presentamos también las propuestas de los candidatos, tres representantes de América Latina, al puesto de secretario general de las Naciones Unidas. En cuanto a las organizaciones regionales, destacamos que la ORAS-Conhu (ORAS-Conhu) debatió temas como la seguridad social y la formación de médicos, la Secretaría Ejecutiva del Consejo de Ministros de Salud de América Central (COMISCA) participó en reuniones de evaluación de la vigilancia sanitaria y la OTCA se reunió para debatir el Mecanismo Amazónico de los Pueblos Indígenas.*

Palabras clave*: América Latina; Cooperación Internacional; Salud.*

Abstract. *Pope Leo XIV raises the tone in response to the advance of the militaristic campaign of the Donald Trump administration and signals a possible trip to the Latin American region. The war in the Middle East is already pushing Latin America into a zone of tension between scarcity and the opportunity for increased exports. We also present the proposals of the candidates—three representatives from Latin America—for the position of Secretary-General of the United Nations. In the section on regional organizations, we highlight that the Andean Health Organization – Hipólito Unanue Agreement (ORAS-Conhu) discussed issues such as social security and medical training; the Executive Secretariat of the Council of Central American Ministers of Health (COMISCA) participated in evaluation meetings on health surveillance; and the Amazon Cooperation Treaty Organization (ACTO) met to discuss the Amazonian Mechanism of Indigenous Peoples.*

Keywords: *Latin America; International Cooperation; Health.*

Nas últimas duas semanas, surgiu um novo acontecimento na região: a expectativa da presença do Papa no "*quintal*" dos Estados Unidos, conforme preconizado pela "doutrina Doroe". Todos pensávamos que Leão XIV, o segundo Papa das Américas, o primeiro da América do Norte, seria ideologicamente neutro e que "curaria as feridas" deixadas por Francisco, altamente politizado, no Vaticano. No entanto, o Papa se pronunciou, defendendo a mensagem do Evangelho como guia para a promoção da paz, após críticas do presidente americano Donald Trump, que questionou sua posição sobre conflitos internacionais como os do Irã e da Venezuela.

Leão XIV elevou a voz e respondeu firmemente a Donald Trump em sua língua nativa: o inglês americano, colocando sua palavra no centro da política internacional. Embora Leão XIV tenha esclarecido que suas declarações não devem ser interpretadas como ataques pessoais, continuou afirmando que não teme nem o governo americano, nem expressar firmemente sua visão: *"O que eu digo não deve ser entendido como um ataque a ninguém. A mensagem do Evangelho é muito clara: Bem-aventurados os pacificadores".*

A troca entre o presidente dos EUA e o Papa se intensificou[1] depois que Trump criticou publicamente Leão XIV em sua rede social Truth. Segundo a AFP, o presidente o chamou de "*fraco no combate ao crime e péssimo em política externa*" e o instou a se concentrar em seu papel religioso.

Trump também disse a repórteres na Base Aérea Conjunta Andrews que não é um "*grande fã*" do Papa Leão XIV, a quem descreveu como "*uma pessoa muito liberal*". Em suas declarações, ele questionou o apelo do pontífice para conter a violência global e o acusou de interferir em assuntos políticos internacionais[2].

O ataque de Trump ao Papa e à sua imagem como Jesus Cristo indignou católicos e políticos nos EUA[3], e a intervenção do Papa na política global encorajou bispos da região a se expressarem com mais liberdade e a participarem da política, algo que não faziam antes.

Um dos primeiros sinais observados foi a mobilização surpreendentemente expressiva na Plaza de Mayo, na Argentina, país que abriga um dos principais parceiros de Trump na região. No sábado, 18 de abril, um padre e DJ português chamado Guilherme Peixoto[4] realizou uma festa de música eletrônica com mensagens religiosas do Papa Francisco[5].

---

[1] https://www.infobae.com/america/agencias/2026/04/13/las-criticas-de-trump-al-papa-indignan-a-la-comunidad-catolica-y-a-politicos-en-eeuu/

[2] Donald Trump intensifica críticas ao Papa Leão XIV em meio a tensões sobre conflitos internacionais e apelos globais pela paz. EFE

Essas críticas surgiram depois que o Papa fez um forte apelo contra a guerra. "Basta a idolatria do ego e do dinheiro! Basta a demonstração de força! Basta de guerra!", declarou ele no sábado, em uma mensagem que buscava apelar aos líderes mundiais em meio a múltiplos conflitos em andamento. https://www.elsalvador.com/noticias/internacional/papa-leon-xiv-responde-a-trump/1269716/2026/

3 https://efe.com/mundo/2026-04-13/ataque-trump-papa-imagen-jesucristo-indignacion-catolicos-eeuu/

[4] A figura do "padre DJ" ganhou reconhecimento internacional em 2023, quando se apresentou para mais de um milhão de jovens em Lisboa, antes de uma missa com o Papa Francisco. A viralização de suas sessões online durante a pandemia expandiu ainda mais seu alcance.

[5] No coração de Buenos Aires e em frente à catedral metropolitana que foi a casa de Jorge Bergoglio por 15 anos, o padre Guilherme Peixoto – sacerdote português e DJ – apresentou o evento intitulado

Num contexto social marcado pela polarização, fragmentação e discórdia, a necessidade de ouvir novamente a mensagem de Francisco torna-se uma fonte de esperança para muitos. Ao som de música eletrônica, milhares de argentinos dançaram ao som das mensagens do falecido Papa: "*Sigam em frente, avancem, construam um mundo melhor*", dizia a voz de Francisco.

Paralelamente a essa celebração em Buenos Aires, e após concluir uma exigente viagem pela África, o Papa Leão XIV voltou sua atenção para a América Latina e deixou em aberto a possibilidade de fazer uma visita pastoral a vários países da região nos próximos meses[6].

Mas o Papa não só decidiu confrontar Trump, como também visitar o que o Departamento de Estado definiu como "*seu Hemisfério*", incluindo o país do Papa Francisco e do seu principal parceiro regional, Javier Milei. Veremos se é apenas mais uma visita à América Latina ou se prenuncia algo mais.

Entretanto*, as tensões no Estreito de Ormuz continuam a impactar nossa região, gerando aumento nos preços da energia e do petróleo, e afetando o comércio e os mercados financeiros*. O Oriente Médio atua como um "choque externo", aumentando os preços da energia, pressionando a inflação, gerando volatilidade financeira e remodelando o comércio. Na América Latina, seus efeitos dependem da posição de cada país no sistema energético global.

Países importadores líquidos (como Chile ou Uruguai) enfrentam custos de energia mais elevados, o que pressiona a inflação para cima. *Países exportadores (como Brasil, Colômbia ou México) podem obter retornos extraordinários,* mas com alta incerteza.

A alta do preço internacional do barril de petróleo se traduz em *preços mais altos dos combustíveis, aumento dos custos de transporte e dos alimentos.* Em muitos países, os bancos centrais foram forçados a manter ou aumentar as taxas de juros, atrasando a desinflação e impactando o já frágil crescimento econômico da região.

O aumento do custo do transporte marítimo afeta tanto as exportações quanto as importações, interrompendo as cadeias de suprimentos globais de energia, insumos industriais e fertilizantes. Muitos países exportadores agrícolas da região podem se beneficiar dos altos preços das commodities, mas perdem competitividade devido ao aumento dos custos logísticos.

Uma *situação paradoxal se desenrola na América Latina: como mencionamos nestes cadernos, questões como segurança e o combate ao narcotráfico estão ganhando cada vez mais destaque nas políticas públicas e nas propostas dos candidatos políticos*. Os Estados Unidos aumentaram exorbitantemente seus gastos militares para intervenções na região. No entanto, a intervenção estadunidense na região não é vista de forma positiva pela população latino-americana.

De acordo com a estimativa mais conservadora, a intervenção militar dos EUA na Venezuela e os ataques a embarcações no Caribe e no Pacífico Oriental — as Operações

"Francisco vive no encontro", organizado pela Associação Civil Miserando, sob o lema "Todos, todos, todos", mensagem que ganhou vida na multidão heterogênea que lotou as ruas de Buenos Aires. https://www.vaticannews.va/es/iglesia/news/2026-04/fiesta-plaza-de-mayo-homenajear-papa-francisco-argentina.html

[6]https://peru21.pe/mundo/que-dijo-el-papa-leon-xiv-acerca-de-su-llegada-latinoamerica/#google_vignette

Absolute Resolve e Southern Spear, respectivamente — já custaram aos contribuintes pelo menos US$ 4,7 bilhões[7].

As guerras americanas no Hemisfério Ocidental fazem parte do que o presidente Donald Trump e outros chamam de "*Doutrina Donroe*", uma distorção da Doutrina Monroe de 1823. Enquanto a política do presidente James Monroe visava impedir a interferência europeia no Hemisfério Ocidental, Trump usou sua versão como uma licença para os Estados Unidos fazerem exatamente isso. Contudo, esse crescente intervencionismo e as políticas agressivas e erráticas de Donald Trump não são vistos com bons olhos pelos latino-americanos, que têm uma visão cada vez mais favorável da China, principal rival estratégica dos Estados Unidos.

De acordo com uma pesquisa[8] com 12 mil pessoas na região, realizada pela Fundação Friedrich-Ebert-Stiftung da Alemanha, pela revista Nueva Sociedad e pelo grupo Diálogo y Paz, a China parece estar ganhando novos apoiadores na região (aumento de 6 pontos percentuais), enquanto a imagem positiva dos Estados Unidos está despencando (queda de 17 pontos percentuais) e a da Europa está em declínio, puxada para baixo pela Alemanha e pela França. Doze mil pessoas em 10 países participaram da pesquisa.

Este estudo, realizado em 10 países — Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Guatemala, México, Uruguai e Venezuela — sobre o atual cenário global, destaca que, das sete potências/países mais bem avaliados, *apenas a China viu sua reputação melhorar nos últimos quatro anos. Os demais estão perdendo apoio*. A análise acrescenta que "*os principais países ocidentais estão, portanto, enfrentando um problema de declínio de reputação na região, embora continuem a liderar a lista*". A Espanha lidera com quase 31% de menções positivas, seguida a menos de um ponto percentual pelos Estados Unidos e pela Alemanha. Mas a tendência é clara: sua popularidade está atualmente em declínio.

Em função da transição climática, a região está sendo reconfigurada, e a América Latina está deixando de ser uma área periférica extrativista para se tornar um território estratégico na disputa por recursos-chave.

A transição para combustíveis não fósseis representa um momento em que a eletrificação (veículos elétricos, armazenamento de energia, redes elétricas) depende de lítio,

[7] A análise "Custos da Guerra" é o levantamento mais abrangente dos gastos aéreos, navais e de Operações Especiais dos EUA — incluindo alguns deslocamentos de tropas e munições — utilizados nas duas campanhas entre 1º de agosto de 2025 e 31 de março de 2026. A necessidade de tal estimativa decorre da recusa do Departamento de Guerra em fornecer um levantamento de custos aos legisladores ou ao The Intercept. O destacamento naval — que compreende a maior concentração de navios americanos na região desde a Crise dos Mísseis de Cuba em 1962 — representou a maior despesa individual, estimada em US$ 3,8 bilhões. Isso inclui o custo crescente do Grupo de Prontidão Anfíbia de Iwo Jima, composto pelo USS Iwo Jima, USS Fort Lauderdale e USS San Antonio, que permanecem destacados no Caribe com a 22ª Unidade Expedicionária de Fuzileiros Navais e o cruzador de mísseis guiados USS Lake Erie. O livro "Custos da Guerra" estima os custos operacionais diários desses navios em cerca de US$ 9 milhões por dia. https://lapatilla.com/2026/04/25/la-exorbitante-suma-que-ha-invertido-eeuu-en-operaciones-contra-el-narcoterrorismo-en-latinoamerica/

[8] O capítulo mais extenso da pesquisa, dedicado à ordem, ao poder e à projeção global, revela uma transformação fundamental no cenário mundial. Entre 2022 e 2026, a imagem positiva de quase todos os países avaliados declinou, com uma grande exceção: a China. Enquanto os Estados Unidos, a França e a Alemanha registraram quedas significativas, a China melhorou sua posição. A pesquisa não demonstra um apoio massivo a nenhum país em particular, mas revela uma erosão visível do prestígio ocidental e uma maior disposição para voltar seu olhar para a Ásia. https://amlatradar.org/es/informe

cobre, níquel e elementos de terras raras, e a América Latina detém uma parcela significativa desses recursos: Lítio: o "triângulo" formado pelos Salares de Uyuni, Atacama e Hombre Muerto concentra mais de 50% dos recursos globais; Cobre: Chile e Peru são líderes mundiais. Isso gera tensões estruturais. Por um lado, abre oportunidades para a industrialização (baterias, refino, cadeias de suprimentos regionais), mas também apresenta o risco de uma reprimarização "verde" (exportação de minerais sem valor agregado). Além disso, dá origem a conflitos socioambientais (água, territórios indígenas, licenças sociais) que podem dificultar projetos.

A transição energética envolve a substituição dos combustíveis fósseis, mas também a garantia da segurança energética a curto prazo. Nesse processo, o petróleo e o gás natural permanecem estratégicos (por exemplo, Vaca Muerta, na Argentina, e o pré-sal, no Brasil), mas há uma crescente intenção de investir em energias renováveis, com enorme potencial na energia solar (norte do Chile/Argentina), eólica (Patagônia, nordeste do Brasil) e hidrelétrica. A América Latina pode se tornar fornecedora de energia de transição por meio da exportação de hidrogênio verde (Chile, Brasil e Uruguai estão avançando significativamente). Essa janela de oportunidade para a energia verde pode atrair investimentos, mas também coloca a região em novas dependências tecnológicas (equipamentos, financiamento, conhecimento técnico).

Do ponto de vista da *biodiversidade e dos serviços ecossistêmicos*, a região pode possuir ativos significativos com poder geopolítico. Deste ponto de vista, a transição climática produz uma reconfiguração do sistema internacional, onde os recursos naturais retornam ao centro, mas agora sob uma lógica de descarbonização, gerando uma nova fase do capitalismo global: o "capitalismo verde geopolítico". Nossa região abriga a floresta amazônica, um regulador climático global, além de reservas de água doce e biodiversidade essencial para os setores farmacêutico, biotecnológico e agrícola. Isso gera novas formas de valoração ligadas aos mercados de carbono, ao financiamento climático e à bioprospecção.

Contudo, embora isso possa representar uma importante janela de oportunidade, também abre caminho para novas disputas sobre a soberania nacional versus a internacionalização desses bens comuns e sobre quem, em última instância, colherá os benefícios econômicos desses recursos.

A *competição surge entre os Estados Unidos, a China e a União Europeia*, que buscam aproveitar essas oportunidades, o que se expressa na busca por investimentos em mineração e energia. Na área das relações comerciais, observam-se acordos comerciais "verdes", surge a diplomacia crítica dos minerais e emergem oportunidades de financiamento de infraestrutura, tornando a América Latina um importante nó de disputa estratégica.

Três cenários possíveis podem ser configurados:

O primeiro é o da *integração dependente*: onde os países da região começam a exportar seus recursos, mas sem industrialização, criando assim uma nova dependência "verde". Este cenário pode ser interpretado como uma atualização da Teoria da Dependência, onde os países centrais controlarão a tecnologia e o financiamento, e nossos países receberão apenas recursos estratégicos. Alguns autores[9] se referem a este cenário como "extrativismo verde" ou "consenso de commodities verdes". Os riscos deste cenário estão ligados à reprimarização econômica, ao

[9] Maristella Svampa (2019). "*Las fronteras del neoextractivismo en América Latina"*; Eduardo Gudynas (2015). "*Extractivismos: Ecología, economía y política de un modo de entender el desarrollo"*; CEPAL (2023–2025). "*Informes sobre transición energética y minería*".

potencial de aumento de conflitos socioambientais, à suscetibilidade à volatilidade dos preços internacionais e à criação de enclaves de produção com benefícios locais mínimos.

Um segundo cenário poderia envolver o *desenvolvimento estratégico regional* com a elaboração de políticas industriais, permitindo o progresso rumo a algum grau de integração regional com a consequente captura de valor para a produção de baterias, energia limpa e tecnologias. Este cenário revisita o estruturalismo latino-americano atualizado, propondo diversificação produtiva, aprimoramento nas cadeias de valor globais e um grande impulso verde.

O terceiro cenário envolve *fragmentação e conflito*, e implicaria que disputas internas (territoriais, ambientais, políticas) limitariam a capacidade de aproveitar a oportunidade. Este cenário implica um aumento nos conflitos territoriais relacionados à mineração, água e energia. A legitimidade governamental é o que nos permitirá superar este cenário, que pode envolver avanços e retrocessos devido aos desafios legais aos projetos extrativistas e à significativa mobilização e maior destaque dos movimentos sociais e indígenas em relação a essas iniciativas. Este ambiente de governança frágil, desafios legais e mobilização social pode levar à paralisação dos investimentos e até mesmo gerar instabilidade política, com consequentes perdas de oportunidades econômicas e escalada da violência.

Candidatos a Secretários Gerais da América Latina apresentam suas propostas aos Estados Membros

Nos dias 21 e 22 de abril, os candidatos a Secretário-Geral das Nações Unidas apresentaram suas propostas aos Estados-membros. Quatro candidatos, três da América Latina e um da África, disputam o cargo mais alto das Nações Unidas.

Embora, em teoria, houvesse um consenso de que o próximo Secretário-Geral deveria vir da América Latina[10] e um desejo de que essa pessoa fosse uma mulher, essas regras não são imutáveis. Vale lembrar que, na última eleição, o consenso era de que o Secretário-Geral viria da África, e, no entanto, António Guterres, de Portugal, acabou sendo nomeado.

O caminho para suceder o português António Guterres como Secretário-Geral da ONU começou formalmente em 21 de abril com a apresentação dos candidatos em audiências públicas perante os membros da Assembleia Geral, uma etapa que poderá esclarecer o apoio que cada um possui, embora a decisão passe nos próximos meses para os países com assento no Conselho de Segurança.

Até o momento, temos quatro candidatos, mas um novo ainda pode surgir. Três representantes da América Latina: *Michele Bachelet* pelo Chile, *Rafael Grossi* pela Argentina, *Rebeca Grynspan* pela Costa Rica e *Macky Sall* pelo Senegal.

A ex-presidente chilena *Michelle Bachelet* havia sido indicada pelo ex-presidente Boric, no entanto, o atual presidente José Antonio Kast aparentemente retirou sua indicação. No entanto, o presidente Lula, do Brasil, e o presidente Sheinbaum, do México, apoiam a candidatura de Bachelet, dada sua vasta experiência à frente da ONU Mulheres e do Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos.

[10] A América Latina ocupou essa posição apenas uma vez, com o peruano Javier Pérez de Cuéllar, há mais de três décadas.

Em sua apresentação de 21 de abril, a ex-presidente do Chile afirmou que a organização deve se renovar e se comprometer com o diálogo e o multilateralismo para enfrentar a crise de confiança, a disseminação de guerras e a crescente desigualdade em todo o mundo. Ela também declarou que, apesar do enfraquecimento da confiança institucional, existem bases para impulsionar uma transformação profunda e enfatizou que os desafios atuais exigem uma reformulação estrutural da ONU.

A proposta de Michelle Bachelet inclui a modernização da ONU com o objetivo de alcançar resultados tangíveis e sustentáveis por meio de uma gestão eficiente e uma liderança confiável, e ela vislumbrou uma organização capaz de antecipar e prevenir crises, bem como unir os Estados-membros em benefício de seus cidadãos.

O governo argentino, que mantém relações próximas com os Estados Unidos, indicou Rafael Grossi[11], atual diretor-geral da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), em novembro. Grossi já havia manifestado sua aspiração ao cargo.

Grossi argumentou que: "*O mundo não precisa de mais declarações. Precisa de uma Organização das Nações Unidas capaz de responder às reais demandas do nosso tempo, com imparcialidade e uma abordagem orientada para resultados e baseada em fatos*." Em sua carta de apresentação, ele propôs trabalhar para que a ONU retornasse "*aos seus princípios fundadores: salvar a humanidade do flagelo da guerra*".

Um tema central do discurso do argentino foi a crise de legitimidade da organização: "Há enormes dúvidas sobre a nossa instituição", alertou, questionando a eficácia da ONU em alcançar resultados concretos.

É contraditório que a Argentina indique um candidato para as Nações Unidas quando seu presidente, em clara consonância com os Estados Unidos, questionou algumas de suas principais propostas, como a Agenda 2030 e as ações da ONU contra as mudanças climáticas.

A questão é: Grossi será um candidato independente ou será o candidato argentino em clara sintonia com o governo Trump, como em toda a política externa de Milei?

O candidato Grossi faz declarações como "Prevalecem o cinismo, a frustração e a tristeza", mas esse também parece ser o sentimento predominante em relação à sua candidatura a Secretário-Geral, mesmo tendo sido reconhecido como uma das 100 pessoas mais influentes pela revista Time.

O diplomata argentino focou no retorno de conflitos armados em larga escala. "*Vivemos em um mundo aonde a guerra voltou com força total*", afirmou, listando crises em vários continentes. No entanto, o presidente argentino expressou publicamente seu apoio à guerra de Trump contra o Irã. E, de forma cínica, Grossi perguntou aos delegados: *"Onde está a Organização das Nações Unidas quando falamos de paz e segurança?*"

Grossi enfatizou que a relevância da ONU não pode ser restaurada apenas por meio da presença diplomática. "*Dizer que precisamos estar à mesa de negociações não nos garante nada",* alertou o representante.

[11] https://webtv.un.org/es/asset/k1m/k1mf2jkciq

Para ele, a chave está na gestão política de quem chefia o Secretariado. *"A menos que haja uma liderança capaz de alcançar isso, não acontecerá",* acrescentou, referindo-se à tomada de decisões.

Ele também vinculou a segurança ao progresso social. "*Não podemos falar de desenvolvimento quando há guerra",* explicou, observando que os conflitos modernos já não respeitam as categorias humanas básicas.

"*Devemos perceber todas essas coisas e estar presentes em todas as frentes com a mesma determinação*", acrescentou, referindo-se à necessidade de uma ONU mais ativa e engajada no terreno.

Por fim, ele defendeu o retorno ao diálogo direto com os atores em conflito. "Esta instituição foi criada e concebida para resolver problemas no terreno", afirmou, concluindo sua apresentação. "*Isso significa que temos que nos adaptar às situações e falar quando precisamos falar. Com todos, especialmente com aqueles envolvidos na guerra."*

Rebeca Gryspan, economista costarriquenha, apresentou sua visão para o cargo de Secretário-Geral das Nações Unidas aos Estados-membros e representantes da sociedade civil. Em um diálogo interativo, Grynspan alertou: "*Nosso mundo está em uma encruzilhada, e acredito que, para defender a ONU, devemos ter a coragem de reformá-la*", identificando suas três prioridades estratégicas: paz, reforma institucional e uma visão para o futuro.

Um dos princípios centrais de sua proposta é reposicionar a ONU como um ator fundamental na prevenção de conflitos, por meio de uma diplomacia constante, ativa e preventiva.

A candidata da Costa Rica argumentou que a organização deve agir antes que as crises se agravem, restaurando seu papel como mediador global em situações tensas. Essa abordagem é particularmente relevante em um momento em que diversos conflitos internacionais têm evidenciado as limitações da capacidade de resposta do sistema multilateral, especialmente nos estágios iniciais das crises.

O segundo pilar de sua visão centra-se na necessidade de transformar a ONU em uma instituição mais responsiva, transparente e orientada para resultados. Nesse sentido, ele salientou que a legitimidade da organização depende de sua capacidade de responder eficazmente às necessidades no terreno, o que implica aprimorar a implementação de programas e fortalecer a responsabilização e o accountability. Sua proposta é modernizar a estrutura institucional para adaptá-la a um ambiente global cada vez mais dinâmico e complexo.

O terceiro pilar da proposta de Grynspan concentra-se no fortalecimento da cooperação internacional diante de desafios emergentes, como a inteligência artificial e as mudanças climáticas.

Os desafios atuais exigem respostas coordenadas entre os países, evitando que as disparidades entre as nações aumentem. "*Devemos garantir que nenhuma nação, grande ou pequena, seja deixada para trás*", afirmou, enfatizando a importância de construir um consenso global inclusivo.

Grynspan mencionou as origens da ONU como uma organização que nasceu da necessidade de reconstrução após momentos críticos da história mundial. "*A ONU nasceu da esperança e da coragem para reconstruir. Estou pronta para trilhar esse caminho para criar um*

futuro mais forte e unido", disse ela. Suas observações contribuem para o debate internacional sobre o futuro da organização e o tipo de liderança necessário para enfrentar os desafios globais das próximas décadas.

Macky Sall, do Senegal, representa uma perspectiva mais política, forjada na liderança de um país africano por mais de uma década. Como presidente do Senegal entre 2012 e 2024, seu governo foi marcado por tentativas de modernização econômica, desenvolvimento de infraestrutura e um papel ativo em fóruns regionais como a União Africana, onde inclusive atuou como presidente.

Sall propõe uma agenda em que o desenvolvimento econômico é indissociável da paz. De sua perspectiva, *os conflitos não podem ser resolvidos permanentemente se a pobreza, a desigualdade e a vulnerabilidade às mudanças climáticas persistirem — problemas que afetam o continente africano de forma particularmente severa*. Sua abordagem busca ampliar o foco tradicional da segurança internacional para uma perspectiva mais abrangente.

O político senegalês destacou o peso da dívida sobre os países em desenvolvimento como uma de suas preocupações, considerando o financiamento público "*insuficiente e difícil de mobilizar*". Por isso, defendeu "*parcerias de investimento e comércio*" para melhorar o acesso ao crédito.

Ele prometeu "*garantir a implementação adequada dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e a elaboração da agenda pós-2030 com os Estados-membros*". Afirmou que buscaria apoiar a mediação do Paquistão no conflito com o Irã, incentivando "o presidente (Donald) Trump, em particular, a manter o cessar-fogo" e instando os EUA e o Irã a "chegarem a um acordo definitivo".

Ele defendeu sua candidatura em vista da esperada rotação regional na liderança da ONU, que favoreceria um Secretário-Geral da América Latina, e reconheceu que não conta com o apoio de seu próprio país, mas tem o respaldo do Burundi, o que lhe permitiu concorrer.

Durante o discurso de Sall, houve manifestações na área circundante. Na sede da ONU, houve protestos contra ele com caminhões carregados de telas que o acusavam de "*assassinato*", enquanto uma manifestação a seu favor o descrevia como uma "*ponte entre as nações".*

O Organismo Andino de Saúde Convênio Hipólito Unanue (ORAS-Conhu) discutiu temas como segurança social e formação de médico[12][13]

O Secretário Executivo da ORAS-Conhu, Fernando Araos, se reuniu com autoridades da Segurança Social de Saúde do Perú (EsSalud), Luis Rosales e Mariano Cuentas, com o objetivo de discutir um roteiro para cooperação técnica e troca de serviços para as comunidades da região. Além da gestão de medicamentos, a EsSalud colocará à disposição da região seus melhores especialistas para realizar programas de capacitação e compartilhamento de experiências.

[12]https://orasconhu.org/es/oras-conhu-y-essalud-fortalecen-lazos-para-impulsar-la-red-de-seguridad-social-en-la-region-andina

[13] https://orasconhu.org/es/el-oras-conhu-y-la-facultad-de-medicina-de-la-unmsm-firman-convenio-para-fortalecer-la

Por sua vez, Araos destacou a necessidade de consolidar uma rede de colaboração sólida entre as entidades de Segurança Social andina para que potencializem o uso de novas tecnologias na saúde. Finalmente, a reunião reforçou o compromisso do ORAS-Conhu e EsSalud a partir do lema "avançar juntos, pelo direito à saúde" para buscar a excelência e inovação tecnológica na região andina.

O ORAS-Conhu também assinou, em Lima, um Convênio de Cooperação Interinstitucional com a Faculdade de Medicina da Universidade Nacional Mayor de San Marcos (UNMSM) para desenvolver pesquisas colaborativas e publicações conjuntas orientadas a resolver problemas de saúde pública com pertinência regional. Além disso, o convênio viabiliza estágios estudantis no ámbito da cooperação técnica e da organização de eventos académicos internacionais.

Na oportunidade, Araos lembrou a importância do legado de Hipólito Unanue e sua relação com medicina peruana e enfatizou que os desafios sanitários atuais não reconhecem fronteras e estão estreitamente ligados às desigualdades sociais. O reitor da UNMSM reiterou os valores compartilhados entre as duas instituições e reforçou que o convênio transcende fronteiras e abre novas oportunidades para o fortalecimento académico e o impacto social em saúde.

A Secretaria Executiva do Conselho de Ministros de Saúde da América Central (COMISCA) participou de reuniões avaliativas de vigilância em saúde [14]

Sob o Acordo Cooperativo de Saúde Global, a SE Comisca participou de sessões avaliativas dos indicadores do primeiro trimestre da vigilância centinela em cinco regiões de saúde em El Salvador. A atividade acontece com o objetivo de socializar o trabalho que foi realizado nas cinco regiões de saúde e verificar o cumprimento dos procedimentos de alinhamento técnico de Vigilância Centinela a partir de resultados obtidos do laboratorio, brechas encontradas e ações realizadas de acompanhamento de casos específicos.

Participaram das atividades autoridades do Ministério de Saúde de El Salvador, equipes operativas dos locais centinelas, equipes do Laboratório Nacional de Saúde Pública e o coordenador do Programa de Vigilância de Vírus Pan-respiratórios.

A Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA) se reuniu para discutir o Mecanismo Amazônico dos Povos Indígenas (MAPI)[15]

Em abril, a primeira reunião extraordinária do Mecanismo Amazônico dos Povos Indígenas (MAPI) foi realizada na sede da OTCA e reuniu delegados governamentais e delegados dos Povos Indígenas Amazônicos dos oito países-membros.

O objetivo foi avançar na definição dos principais instrumentos para o funcionamento do mecanismo a curto prazo. Na agenda de discussão estavam o Plano de Trabalho e o calendário para o biênio 2026-2027, criação de mesas de trabalho temáticas, definição de

[14] https://www.sica.int/noticias/se-comisca-realiza-evaluacion-de-los-indicadores-de-los-sitios-centinela-en-el-salvador_1_137801.html

[15] https://otca.org/pt/a-otca-promove-a-implementacao-do-mecanismo-amazonico-dos-povos-indigenas-em-brasilia/

orientações para a Estratégia do MAPI e elaboração de um possível regulamento do Fórum dos Povos Indígenas, das comunidades locais e tradicionais.

Na abertura da reunião, o ministro dos Povos Indígenas do Brasil, Luiz Eloy Terena, enviou uma mensagem reforçando a importância de avançar em direção a resultados concretos que respondam às reivindicações dos Povos Indígenas. O Secretário-Geral da OTCA, Martin von Hildebrand, destacou que o MAPI representa um avanço significativo na governança regional ao consolidar um espaço de diálogo entre governos e povos indígenas a nivel amazônico.